



Vol. 12, Nº 27 (diciembre / dezembro 2019)

ISSN 1988-5261

TURISMO COMUNITÁRIO - CRIATIVO: UMA DESCRIÇÃO DA OPERACIONALIZAÇÃO DE PESQUISA NA REGIÃO DO ALGARVE DE 2017 - 2019¹

Yolanda Flores e Silva²
Ivani Stello Farias³

Para citar este artículo puede utilizar el siguiente formato:

Yolanda Flores e Silva e Ivani Stello Farias (2019): "Turismo Comunitário - Criativo: uma descrição da operacionalização de pesquisa na região do Algarve de 2017 – 2019*", Revista Turydes: Turismo y Desarrollo, n. 27 (diciembre / dezembro 2019). En línea:
<https://www.eumed.net/rev/turydes/27/turismo-algarve.html>
<http://hdl.handle.net/20.500.11763/turydes27turismo-algarve>

Resumo

Portugal vive um processo de 'desertificação' populacional que leva ao isolamento e pobreza. O que o turismo pode fazer é a resposta de uma pesquisa no Algarve de 2017 – 2019, cujo objetivo foi "analisar em áreas tradicionais rurais ou com características, se o turismo comunitário – criativo associado a atividades dinamizadoras de estímulos a preservação cultural e ambiental, contribui para a diminuição do êxodo populacional e o desenvolvimento local" Este artigo descreve e discute como ocorreu o processo investigativo e seus resultados. O mesmo foi com base no contexto interpretativo-etnográfico de Geertz com: coleta bibliográfica e documental; trabalho de campo (entrevistas + observação) em aldeias e vilas do Algarve; análise interpretativa. Os resultados apontam via interpretação etnográfica como o processo comunitário criativo, através do saber – fazer de seus moradores, levam a exposições e interações criativas que trazem novos panoramas para residentes e turistas. O turismo nestas localidades, propõe ações éticas colaborativas sustentáveis que inclusive atendem aos ODS da Agenda 2030 das Nações Unidas.

Palavras-chave: Algarve. Etnografia. Turismo Comunitário-Criativo.

Turismo comunitario - Creativo: una descripción de la operacionalización de la investigación en la región del Algarve de 2017-2019

Resumen

Portugal está experimentando un proceso de "desertificación" de la población que conduce al aislamiento y la pobreza. Lo que el turismo puede hacer es la respuesta de una encuesta 2017-2019 en el Algarve, cuyo objetivo era "analizar en áreas rurales tradicionales o con características si el turismo creativo comunitario asociado con actividades que estimulan la preservación cultural y

¹ Esta comunicação é um dos trabalhos que compõe os resultados de pesquisa realizada no sul de Portugal de 2017 – 2019 e descreve um dos objetivos da pesquisa 'Turismo Comunitário: contribuições para a diminuição da desertificação populacional e desenvolvimento local no Sul do Brasil e Portugal', uma investigação financiada pelo CNPq (Edital Bolsa Pesquisa Produtividade-PQ2), Universidade do Algarve e Agência de turismo criativo comunitário Proactivetur. Outros artigos foram elaborados com outros pesquisadores que auxiliaram em várias etapas do processo investigativo.

² Doutora em Filosofia da Saúde (UFSC / Brasil – 1999) com estudos pós-doutorais em Turismo (UALg / Portugal – 2013). Docente e Pesquisadora na Escola de Artes, Comunicação e Hospitalidade e Escola de Saúde da Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI). CV Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/5344296091176496> . ORCID: 0000-0003-0585-8789. E-mail: yolanda@univali.br

³ Doutoranda na Universidade de Coimbra no Doutorado sobre Patrimônios Alimentares: Culturas e Identidades. Mestre em Saúde (UNIVALI/Brasil 2016). E-mail: nutricionistaivani@gmail.com

ambiental, contribuye a disminuir el éxodo de la población y el desarrollo local”. Este artículo describe y discute cómo se llevó a cabo el proceso de investigación y sus resultados. Lo mismo se basó en el contexto interpretativo-etnográfico de Geertz con: colección bibliográfica y documental; trabajo de campo (entrevistas + observación) en aldeas y pueblos del Algarve; Análisis interpretativo. Los resultados apuntan a través de la interpretación etnográfica a medida que el proceso comunitario creativo, a través del conocimiento de sus residentes, conduce a exhibiciones e interacciones creativas que brindan nuevos panoramas para residentes y turistas. El turismo en estos lugares propone acciones éticas de colaboración sostenibles que incluso cumplen con los ODS de la Agenda 2030 de las Naciones Unidas.

Palabras clave: Algarve. Etnografía Turismo comunitario-creativo.

Community Tourism - Creative: a description of the operationalization of research in the Algarve region of 2017 – 2019

Abstract

Portugal is experiencing a process of population 'desertification' that leads to isolation and poverty. What tourism can do is the response of a 2017 - 2019 survey in the Algarve, which aimed to “analyze in traditional rural areas or with characteristics whether community-creative tourism associated with activities stimulating cultural and environmental preservation, contributes to decreasing population exodus and local development” This article describes and discusses how the investigative process took place and its results. The same was based on Geertz's interpretive-ethnographic context with: bibliographic and documentary collection; fieldwork (interviews + observation) in Algarve villages and towns; interpretative analysis. The results point through ethnographic interpretation as the creative community process, through the know - how of its residents, lead to exhibitions and creative interactions that bring new panoramas for residents and tourists. Tourism in these locations proposes sustainable collaborative ethical actions that even meet the UN Agenda 2030, SGD.

Keywords: Algarve. Ethnography. Community-Creative Tourism.

1. Introdução

Os territórios periurbanos e rurais em vários lugares do planeta e marcadamente em Portugal vivem um processo de envelhecimento, mortalidade, baixa natalidade e êxodo dos jovens, o que leva a um declínio econômico, social e cultural, pela não organização de redes de apoio e novos negócios e empreendimentos (Figueiredo, 2011; 2008). A partir desse contexto é importante que se façam políticas públicas que possam favorecer estes territórios com ações que levem a um crescimento econômico inclusivo e sustentável, como enfatiza a Agenda 2030 de desenvolvimento sustentável das Nações Unidas (WHO, 2015). As ações proativas em pequenas comunidades podem ser muito importantes quando se almeja um desenvolvimento local integrado e sustentável, algo que segundo Capra e Luisi (2014) é um grande desafio porque envolve um comportamento colaborativo e ético de sustento da vida e a discussão de políticas públicas que possam favorecer este processo a médio e longo prazo.

Para se chegar a esta realidade, de forma colaborativa e com muitos recursos, as populações precisam pensar e elaborar propostas de superação da pobreza, que se não enfrentados levam a carências econômicas e conseqüentemente a deficiências de natureza social, educacional e cultural. Para Pestoff (2011:12), as comunidades devem se aliar e unir-se para “fazer o que se faz necessário

e ser sujeito e não objeto”, assumindo inclusive a liderança na organização de empreendimentos direcionados as suas comunidades.

É possível fazer um turismo com este olhar e perspectiva? Que modelos de turismo podem ser parte deste tipo de ação? No Brasil, na América Latina, Ásia e também Europa, muitas denominações foram criadas, tais como Turismo Comunitário, Turismo de Base Comunitária, Turismo de Desenvolvimento Local, entre outras denominações, que neste século tem como acompanhamento os termos ‘criativo’ e ‘inclusivo’. Este formato de turismo é associado a arranjos comerciais e empreendimentos de diversos e o que o diferencia é o apoio que recebe em muitos países de organizações privadas e públicas que atuam em redes colaborativas (Gouldin, Horan & Tozzi, 2014).

Nessa perspectiva é que delineamos a pesquisa aqui descrita, cujo objetivo foi “analisar em áreas tradicionais rurais ou com características, se o turismo comunitário – criativo associado a atividades dinamizadoras de estímulos a preservação cultural e ambiental, contribui para a diminuição do êxodo populacional e o desenvolvimento local”. O processo investigativo ocorreu de 2017 a 2019, mas, terá novas etapas até o ano de 2025. Sobre a primeira etapa é que se faz este relato de como a pesquisa ocorreu com o olhar da Antropologia Interpretativa-Etnográfica de Geertz (2008).

2. O contexto da pesquisa descrita

A expansão do turismo no Ocidente nasce de forma profissional com a Revolução Industrial e uma relação direta com três importantes fatores: tempo livre, transportes, e melhores níveis de vida das pessoas. No século XX o turismo, após os conflitos relativos à Segunda Grande Guerra, passa a ser considerado uma atividade economicamente relevante, uma ‘indústria’ sem chaminé, capaz de gerar vários arranjos produtivos e empregos. Guerras, instabilidade econômica, epidemias e catástrofes ambientais, podem diminuir o fluxo de turistas, mas, como é possível observar nos primeiros anos do século XXI, a médio prazo de acordo com as providências de cada país receptor, este fluxo se normaliza e a entrada de turistas pode retomar o equilíbrio gradativamente (Daniel, 2010).

Em Portugal, o turismo desempenha um papel fundamental na criação de empregos, ainda que tenha um caráter sazonal e muitas vezes seja evidente a precariedade das contratações principalmente no setor da hospitalidade e de alojamentos de distintas categorias. Importante evidenciar e destacar, que o turismo mais procurado é o que conjuga ‘sol’ e ‘mar’. E, no plano estratégico português, os eixos de desenvolvimento do turismo se voltam muito para os territórios com a qualificação turística dos três ‘S’: *Sun, Sea and Sand*, que apesar das graves crises no planeta, se mantêm estável porque Portugal está integrado a maior região turística do mundo que é a Europa, com mais de 50% do turismo internacional. Nesse contexto, o Algarve é notoriamente o destino mais procurado em Portugal, com recursos e capacidade de acomodar e sustentar uma oferta turística qualificada com produtos e serviços alternativos de qualidade principalmente na zona litorânea (Turismo 2020, 2014).

O Algarve, na região sul de Portugal, até 1889 foi considerada uma região isolada com relação as demais regiões de Portugal. A comunicação sempre foi precária e inicialmente era via mar e somente no século XX teve de forma mais regular o “caminho de ferro” ligando a capital do Distrito (Faro) a Loulé, cidade com a maior densidade populacional e renda do Algarve. Esta realidade tornou por muitos anos o Algarve um distrito muito pobre, seja em função da pouca diversidade de matérias primas, industrialização tardia e atividades agrícolas que não garantem até a presente data, que seja uma fonte econômica capaz de deter a desertificação humana (Fernandes, 2013). A saída das pessoas do Algarve associado ao envelhecimento populacional e baixo índice de natalidade, se fazem sentir em todo o território, ainda que neste século (XXI), o turismo tenha mudado este quadro na região litorânea (Cunha-Lima & Silva, 2017), no interior algarvio, região do Barrocal e Serra, existe problemas graves tais como o isolamento, perda de serviços básicos, infraestruturas locais e a falta de pessoas em aldeias como as de Querença, onde as pesquisadoras iniciaram a primeira investigação em 2013 (Silva & Silva, 2017).

O quadro atual no Algarve é de uma alta concentração de serviços e produtos turísticos no litoral, face a demanda, embora em sua configuração, seja possível criar várias oportunidades de um turismo diferenciado no Barrocal, Costa Vicentina, Serra e Baixo Guadiana (Silva, Cunha-Lima & Farias, 2018). Para superar estes problemas, algumas propostas de ação, envolvendo investigação e a promoção da diversificada gama de produtos com base nos recursos locais vêm sendo discutidas entre organizações não governamentais como a *In Loco*, Associação Rota Vicentina, Almargem, Associação Terras do Baixo Guadiana e QRER - Cooperativa dos Territórios de Baixa Densidade. Estas organizações, no formato de associações e / ou cooperativas recebem financiamentos da comunidade europeia e muitos pesquisadores e voluntários elaboram propostas visando recuperar as regiões desertificadas populacionalmente (Cunha Lima & Silva, 2017).

Nos *Concelhos* do Algarve, particularmente nas regiões mais próximas do Barrocal, Serra e proximidades é que foram selecionadas as localidades para campo de investigação. Em todos os *Concelhos* existem freguesias, vilas e aldeias com grande potencial turístico em função dos pequenos prestadores turísticos, produtores artesanais, cuidadores das paisagens e patrimônios culturais e agroalimentares. A característica destes territórios é a pouca densidade populacional, baixa natalidade e muitas pessoas acima de 60 anos. O que os torna bons objetos de estudo? Em um primeiro momento o incentivo público e privado da comunidade europeia a propostas de turismo comunitário com foco na criatividade e experiências. Em um segundo momento, a partir da elaboração de propostas de recuperação de aldeias abandonadas, observam-se a formação de empreendimentos de distintas naturezas, a abertura de editais para incentivar que jovens naturais e estrangeiros participem destas propostas e se fixem na região e a presença da universidade como parte da rede institucional e educacional orientando os debates e a organização das propostas voltadas ao desenvolvimento local (Cunha Lima & Silva, 2018; Kastenzholz, Carneiro & Marques, 2012; Kastenzholz, Carneiro, Marques & Lima, 2011; Ferrarini, 2012). Todos estes elementos é que tornaram o Algarve o espaço ideal para a realização desta investigação.

3. Metodologia

Os tópicos a seguir centram-se em na descrição das etapas da investigação realizada. A etapa descrita é a que foi financiada pelo CNPq (edital produtividade PQ2 2017 – 2020), com apoio da Universidade do Algarve (Grupo de Pesquisa CIEO – CinTurs) e a Cooperativa QRER.

3.1 Base epistemológica

A condução do processo investigativo foi com base no contexto interpretativo de Geertz (2008) uma abordagem comum que tem prevalecido para quem pretende trabalhar com a subjetividade, a individualidade e a descrição pormenorizada do que é percebido e observado. Reconhece-se que captar esse significado subjetivo, ainda que usando embasamentos teóricos bem definidos, consiste em uma tarefa de mera inferência. Ou seja, não se trata da busca, de maneira alguma, de uma verdade que se pretende defender como absoluta, mas, uma verdade interpretada à luz de vários interpretes: o pesquisador condutor da pesquisa, os pesquisadores / autores dos referenciais citados na proposta e os informantes, enquanto interlocutores da realidade investigada.

A teoria de Geertz sustenta-se nos parâmetros originários da antropologia simbólica interpretativa, cujas bases são oriundas da hermenêutica, com uma construção fundamentada na diversidade, pluralismo e conflito. Isto porque na hermenêutica, o processo de investigar um tema e tentar interpretá-lo e torna-lo compreensível, exige um aprendizado de como interpretar e explicar fatos e/ou fenômenos moldados por interpretações e interrogações. Importante: as interpretações são compostas por vários níveis e à medida que se ultrapassa um nível interpretativo, outro nível interpretativo é revelado. Isto leva ao pensamento de que toda interpretação pode ser mudada, uma vez que são apenas provocações para novas reflexões, afinal, ciência se faz pela possibilidade de novos questionamentos a cada pesquisa realizada (Prochnow; Leite & Erdmann, 2005).

3.2 O desenho da pesquisa: problema, objetivo geral e pressupostos

A pesquisa nasceu de um proposta que prever três etapas de investigação: a primeira de mapeamento e diagnóstico (2017 – 2019), a segunda de análise do fenômeno estudado junto as comunidades investigadas (2020 – 2022) e a terceira se volta a elaboração de ações participativas de organização de arranjos produtivos com base no saber – fazer local, com a população que aceitar trabalhar com a coordenadora da pesquisa e sua equipe com esta perspectiva (2023 – 2025). A primeira etapa descrita nesta comunicação, inicia com a questão de pesquisa:

“O turismo comunitário-criativo é capaz de contribuir para a formação de arranjos produtivos que possibilitam o desenvolvimento local, resgate e preservação cultural e ambiental, das pequenas comunidades tradicionais do Algarve?”

Da questão problema e pressupostos elaborou-se o objetivo geral:

“Analisar em áreas tradicionais rurais ou com características, se o turismo comunitário – criativo associado a atividades dinamizadoras de estímulos a preservação cultural e ambiental, contribui para a diminuição do êxodo populacional e o desenvolvimento local”.

3.3 A etnografia com viés participativo

Esta foi uma pesquisa empírica, ou seja, uma pesquisa que envolveu pesquisadores a coletar conhecimentos em vários territórios, criando momentos de experiências e convivências difíceis porque implicavam relacionamentos a serem criados e depois fechados, de modo a permitir uma análise objetiva de fatos subjetivos.

Trata-se, portanto, de uma pesquisa com abordagem etnográfica com ações teórico-prática de conteúdos subjetivos, porém participativos (Loureiro, 2007; Brandão, 1985). A característica básica deste modelo de pesquisa é a interação grande entre pesquisadores e membros do grupo a ser investigado e segundo Tripp (2005) estas interações na pesquisa qualitativa, tem por propósito não apenas coletar informações, mas, também colocar o investigador como um observador participante, capaz de responder as questões dos atores sociais locais, relativas ao que se está investigando. Considerando as premissas acima, a pesquisa teve nesta etapa dois momentos, a primeira mais solitária e a segunda seguindo a dinâmica do diálogo e participação das pessoas que foram informantes.

No primeiro momento da pesquisa se fez a coleta de informações bibliográficas em livros e artigos científicos encontrados em portais ligados ao turismo no Algarve, Google Acadêmico, repositórios digitais de universidades e portais de periódicos internacionais. As palavras – chaves utilizadas foram: turismo, turismo comunitário, turismo inclusivo, turismo rural, empreendedorismo, empoderamento social, desenvolvimento local, desenvolvimento sustentável entre outros termos que se considerou necessário. A coleta documental foi realizada com a leitura de documentos sobre as políticas públicas referentes ao turismo em regiões de baixa densidade, atas de reuniões, estatuto social dos roteiros turísticos já existentes, atos administrativos, normas, decretos e leis municipais, fotografias, filmes e outros documentos referentes as localidades e roteiros turísticos (quando tinham algum). Nesta fase também foi elaborado o roteiro de entrevistas.

No segundo momento da pesquisa foi efetuada a entrada no campo que ocorreu após a realização de muitos contatos telefônicos, participação em eventos e rodas de conversas nas localidades (aldeias, vilas e freguesias) cujas características atendiam a alguns critérios: territórios de baixa densidade populacional, com alguma visibilidade turística e roteiros de serviços e produtos turísticos em discussão nas autarquias de seus *Concelhos*. Após a seleção dos territórios se fez uma agenda para visitas de reconhecimento e contato com algumas pessoas com as quais havíamos conversado por telefone ou através de mensagens via e-mail, após indicação das mesmas por pesquisadores da universidade, amigos e outras pessoas envolvidas com organizações que atuam nos territórios de baixa densidade populacional.

O percurso adotado compreendeu um conjunto de atividades e estratégias variadas com uso de instrumentos etnográficos para coleta e análise de dados. Ou seja, não se fez uma etnografia clássica por excelência de permanência fixa nas localidades por vários meses ininterruptos. Nestas localidades, as pesquisadoras ficaram algumas semanas no período do verão e meses no período do

outono e inverno, com saídas e entradas regulares conforme a disponibilidade de saída do Brasil para Portugal, lugares para hospedagem e alimentação, eventos e outras atividades realizadas ao longo da pesquisa. Importante ressaltar, que é possível, dada as circunstâncias, realizar uma etnografia participativa com vivências com as populações locais em períodos que podem ser contínuos ou com algumas pausas, foi esta última possibilidade que foi adotada (Denzin & Lincoln, 2006; 2003).

Os contatos para as entrevistas foram realizados com o uso de roteiros com questões abertas. As entrevistas foram realizadas com residentes com diferentes ocupações, líderes e representantes de organizações públicas e privadas, turistas e visitantes, pesquisadores, etc. com os quais se teve contato. Essa entrevista foi constituída de duas partes: a) Caracterização individual: dados pessoais, profissionais e formativos; e b) Questões específicas relacionadas aos objetivos da pesquisa. Entrevistou-se informantes que aceitaram participar do estudo, conforme os seguintes critérios de seleção: pessoas envolvidas com as propostas e arranjos produtivos voltados para o turismo, hospitalidade e alimentação nos territórios selecionados para a pesquisa; moradores destes territórios que colaboram diretamente com a proposta; moradores que não participam, mas, são consumidores; visitantes/turistas que se deslocam para estes territórios durante eventos culturais, feiras de alimentos, feiras temáticas, etc.; técnicos, profissionais e pesquisadores ligados as secretarias de agricultura, cultura e turismo ou participantes de organizações não governamentais que atuam nos territórios visitados.

As questões específicas das entrevistas com residentes e turistas consistiam de perguntas abertas sobre identificação dos atrativos da localidade, o que consideravam motivador para visita-la, que atividades e lugares as pessoas podem visitar no lugar, o que gostavam e o que não gostavam e suas impressões acerca do território, das pessoas, da convivência, necessidades entre outros elementos. Com os demais informantes, além dos itens citados com os primeiros informantes, trabalhou-se com questões abertas direcionadas as motivações públicas, sociais, econômicas, entre outros elementos.

Considerando este contexto, as etapas do trabalho em campo compreenderam, entrevistas a 1000 pessoas (500 residentes, 300 turistas, 200 gestores, políticos, pesquisadores, etc.), entrevistados em períodos diferentes ao longo de 24 meses de acompanhamento de março de 2017 – março de 2019 em oito (08) territórios do Algarve (Querença, Salir, Alte, Paderne, Moncarapacho, Estoi, Cachopo e Alcoutim). As características destes territórios se estende a quase todas as pequenas comunidades: pouca densidade populacional, baixa natalidade e população acima de 60 anos.

Em concomitância com as etapas descritas, iniciou-se a construção dos critérios de análise dos dados coletados. Esta etapa envolveu a seleção de outras informações contidas em dados documentais e bibliográficos. Neste primeiro momento de análise, seguindo o modelo de Minayo (2007) fez-se necessário: realizar a transcrição dos dados (entrevistas, observação e leituras documentais e bibliográficas), leitura sistemática do material coletado, categorização ou codificação segundo o objetivo da proposta, e, finalmente a análise interpretativa dos conteúdos e discursos

segundo Geertz (2008) por comparação com todos os dados: bibliográficos, documentais, observacionais e dos discursos dos informantes.

4 Resultados e Discussão

Para Geertz (2008) o objetivo da análise é compreender em que perspectivas este plano discursivo se constrói, portanto, a concepção do texto é a materialidade do discurso e o pesquisador é um agente participante. Por outro lado, a análise também visa captar o saber que está por trás da superfície do texto com suas 'intenções' considerando a linguagem utilizada e a sua relação com a realidade. Com o olhar de Geertz, os resultados são apresentados no formato de um texto descritivo com viés etnográfico associando a descrição a interpretação do pesquisador e referenciais teóricos selecionados para uma crítica reflexiva das respostas obtidas (Angrosino, 2009). O uso de imagens, diagramas e quadros explicativos podem ser utilizados quando se considerar a sua necessidade para a compreensão dos resultados. Na figura 1, a seguir, o mapa do Algarve com seus *Concelhos* e algumas aldeias e vilas.

Figura 1: Mapa do Algarve



Fonte: Google Imagens (2019).

A experiência etnográfica no Algarve, em lugares com paisagens cênicas se contrastava com o vazio nas ruas, casas fechadas e em alguns lugares alguns poucos idosos nas portas de suas casas ou em bancos que ficam na porta de algum comércio. Contudo, esta miragem inicial, que em muitas ocasiões me faziam ficar triste ou sem esperanças, modificava-se e me mostravam novas cores neste quadro de isolamento e desertificação, quando nas reuniões organizadas para apresentação da proposta de pesquisa, as poucas pessoas presentes mostravam entusiasmo e ia para as reuniões no salão paroquial ou na 'Casa do Povo' com motivação e gentileza. Residentes, líderes de organizações públicas e privadas e os turistas entrevistados, mostravam ser possível o empoderamento das pessoas e dos territórios via um turismo mais especializado, atento as

necessidades locais e a um modelo mais lento de retomada do crescimento populacional e econômico.

Alguns exemplos, oriundos de experiências com pescadores artesanais (Silva; Cruz; Christoffoli; Cunha-Lima & Conceição, 2015) e agricultores familiares (Cunha-Lima; Oliveira & Silva, 2011) que atuam em espaços que começam a ser frequentados por turistas, retomando um desenvolvimento menos acelerado porém mais sustentável e equilibrado, demonstram ser possível obter sucesso com o turismo comunitário na perspectiva criativa e inclusiva.

Este tipo de turismo vem sendo procurado cada dia mais por visitantes cansados de encontrar sempre os mesmos ambientes culturais para visitas de cunho contemplativos. Neste início de século, em diferentes destinos, as pessoas procuram atividades e propostas alternativas de passeios que sejam inclusivas, com interação com residentes e ao mesmo tempo que tenham um propósito social, cultural e ambiental. Para Richards e Wilson (2006) este modelo além de inclusivo, atua com o olhar na criatividade dos anfitriões e dos turistas. Nesse sentido, para Gonçalves (2008), este desenho de turismo em localidades de pequeno porte, tem a opção de buscar o saber – fazer criativo de seus moradores e com isto podem se reinventar criando eventos, momentos e situações e em que o turismo mostra o espaço visitado e seus patrimônios culturais e humanos, criando um outro patamar de contato e interação entre residentes e turistas.

Esta modalidade de ação foi possível ver em todas os territórios visitados para o trabalho de campo. Alguns com políticas públicas bem definidas e propostas financiadas de recuperação e/ou de reintegração de edificações históricas que se tornam lugares públicos de visitação ou espaços de hospedagem, por exemplo. Alguns exemplos são importantes, por exemplo, a vila de Alcoutim, com cerca de 900 habitantes, é a sede do município de Alcoutim que tem cerca de 575,36 km² de área e 2. 917 habitantes, subdividido em 4 freguesias. Em 2018, Alcoutim foi o município com maior proporção de idosos de Portugal, contando-se 95 idosos por 100 pessoas em idade ativa, valores que quase se igualam (Censo Alcoutim, 2018; IGP, 2013). É um território milenar que faz fronteira com a Espanha via Rio Guadiana e que em 2015 teve apenas 13 crianças nascidas na região. Como lidar com isto? Um lugar com construções milenares, uma boa parte espaços culturais que permanecem vazios pela falta de pessoas que circulem, seja porque estão velhos demais ou porque os poucos jovens estão em Faro (capital do Algarve) estudando.

O que salva este e outros espaços do Algarve? As políticas públicas que incentivam a vinda de estrangeiros para morarem e trazerem negócios que possam viabilizar a vida econômica local. A criatividade com a realização de eventos voltados ao saber local, algo que já ocorre também no *Concelho* de Loulé nas aldeias de Querença, Salir e Alte, onde o Programa Loulé Criativo e outras iniciativas atraem pessoas as feiras e mercadinhos onde a cultura se revela via culinária, produtos orgânicos, artesanato de palha e latão e monumentos edificadas que foram revitalizados via a prática de oficinas musicais, peças teatrais e exposições itinerantes (Silva, Cunha-Lima & Farias, 2018).

Nas entrevistas realizadas o grande problema (lembrado por todos os informantes) não são as ideias, são a falta de pessoas jovens para gerenciar e colocar adiante o que as cabeças idosas formulam, esquematizam e discutem na 'Casa do Povo', espaços de debates e reflexões sobre o futuro dos territórios e das pessoas. Importante que se diga que freguesias como Cachopo no *Concelho* de Tavira, com 197,56 km² de área e 716 habitantes (2011), situada na zona da Serra do Caldeirão, tem como uma de suas bases econômicas a produção de cortiça (Teixeira, 2011) com suas fábricas de elaboração de produtos artesanais, hoje espaços de oficinas onde artesãos ensinam a turistas como elaborar a sua própria lembrança algarvia.

Estas experiências, levam-nos a inferir, considerando este contexto, que o turismo comunitário inclusivo, com o olhar cultural e criativo, pode a médio e longo prazo ser um elemento fundamental para a sustentabilidade das pequenas comunidades, localizadas nas freguesias, vilas e aldeias, por vezes nas zonas periféricas do turismo convencional algarvio.

Estes possíveis resultados, remetem aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030 da ONU, uma referência aos problemas enfrentados no planeta de sobrevivência dos povos em pleno século XXI (Onu, 2015; Unesco, 2013), algo que também precisa ser visto em países como Portugal. Os debates em torno destes objetivos, devem ter como referência a sustentabilidade da fauna, da flora e dos seres humanos, é um olhar cultural sustentável, capaz de ampliar o que se pensa sobre Desenvolvimento Sustentável (Max-Neef, 2005; 2003). Criar propostas voltadas ao consumo e vendas de produtos e serviços turísticos com base nas artes, nas produções alimentares saudáveis e nos ofícios tradicionais dos territórios de baixa densidade populacional, vai além das metas voltadas a tecnologias sustentáveis convencionais.

Para a Unesco (2013) a sustentabilidade se inicia na base de produção e esta produção se encontra nos lugares onde ainda existem pessoas que sabem como trabalhar com as 'velhas' receitas tradicionais para o cultivo de suas hortas, a preparação de pratos da cultura local e a elaboração de utensílios e outras 'empreitas' que demonstram a importância do saber-fazer dos idosos para o desenvolvimento local.

Seja em Estoi, Moncarapacho ou Paderne, ou qualquer outros dos territórios onde se ficou a observar e conversar com as poucas pessoas circulantes, o que foi possível perceber, foi a falta de mais pessoas que pudessem apoiar aquelas mais idosas no seu saber-fazer que cultiva e atrai o turista. É fantástico fazer uma degustação de azeitonas britadas com uma pessoa a descrever o processo do cultivo e a elaboração da salga da azeitona com ervas aromáticas que nascem espontaneamente na relva do Barrocal ou da Serra do Caldeirão. Ou dormir em um moinho onde antes se preparava a farinha dos pães famosos pelo preparo com fermentação natural.

O que torna o turismo nestas aldeias comunitário e criativo? Embora o termo comunitário pouco seja usado na região do Algarve, o que se observa é a organização coletiva de grupos destes territórios, apoiados pelas organizações públicas e privadas, incluindo-se neste rol a universidade, no sentido de promover e preparar estes territórios para receber visitantes. A criatividade prima pela

simplicidade, tudo que é ofertado é parte do cotidiano dos residentes, mas, tem uma história a ser contada, uma trajetória cultural não esquecida que é colocada para quem os visita. Este diferencial é para Geertz (2008) o 'texto' que define e apresenta a identidade local de cada aldeia, vila ou freguesia. Isto é cultura! E cultura quando vista para além da contemplação pode virar meios para sustentar as pessoas ainda que estas morem longe dos grandes centros, das praias famosas e dos hotéis e restaurantes estrelados.

5 Considerações finais

Os resultados da pesquisa demonstram que: o turismo comunitário, com um olhar cultural e criativo, pode a médio e longo prazo ser um elemento fundamental para a sustentabilidade das pequenas comunidades, localizadas nas freguesias, vilas e aldeias, por vezes nas zonas periféricas do turismo convencional algarvio.

As localidades de pequeno porte, ao buscar o saber – fazer criativo de seus moradores e se reinventar criando eventos, situações e espaços para que ajam exposições e interações criativas, trouxeram novos panoramas para residentes e turistas. Esta modalidade de ação foi vista em todas as aldeias visitadas, algumas com políticas públicas bem definidas e propostas financiadas de recuperação e/ou de reintegração de edificações históricas que se tornam lugares públicos de visitação ou espaços de hospedagem. O turismo nestas localidades, nesse sentido, traz propostas dinamizadoras, tornando-se um parceiro sustentável que atende inclusive aos objetivos da Agenda 2030 das Nações Unidas.

Embora as sementes deste turismo ainda sejam poucas fora das zonas litorâneas do Algarve, é possível prever, caso as políticas de investimento permaneçam, que estes serão territórios muitos especiais, capazes de absorver inclusive grupos de migrantes e/ou refugiados em busca de trabalho, um lar e um espaço acolhedor que possa no futuro trazer aos mesmos, paz e uma vida de qualidade longe de suas terras em guerras ou com problemas de perseguição políticas e religiosas.

Para as pesquisadoras, fazer esta investigação, foi um momento precioso do ponto de vista pessoal e profissional, uma importante etapa da vida acadêmica. Também foi instigador porque mostra que pesquisas com um viés interdisciplinar é possível de ser feita no turismo, uma área que pode ofertar respostas econômicas associadas a sustentabilidade dos territórios e das pessoas. É uma área que associada a outras desponta como uma forte instigadora de conhecimentos voltados para um desenvolvimento ético e inclusivo das pequenas comunidades tradicionais.

Referências

Angrosino, M. (2009). *Etnografia e observação participante*. Artmed / Bookman: Porto Alegre.

Brandão, C. R. (1985) *Pesquisar-Participar*. Brandão, C. R. (Org.). *Repensando a pesquisa participante*. Brasiliense: São Paulo.

Capra, F. & Luisi, P. L. (2014). *The Systems View of Life: A Unifying Vision*. Califórnia: Cambridge University Press.

Censo Alcoutim (2018). *Notas Documentais do Município de Alcoutim*. Alcoutim: CA, 2018.

Cunha Lima, F. B. & Silva, Y. F. e. (2018). Turismo comunitário e desenvolvimento local: uma revisão integrativa sobre a Acolhida na Colônia. In: *Caderno Virtual de Turismo*, 25 (03): 1 – 21.

Cunha-Lima, F.B.C. & Silva, Y. F. e. (2017). Project Querença and creative tourism: visibility and local development of a village in the rural Algarve. In: *Review of Tourism Research*, 14: 21-35.

Cunha-Lima, F. B., Oliveira, L. de S. & Silva, Y. F. e. (2011). Análise do discurso midiático do projeto “acolhida na colônia” na atividade do agroturismo em Santa Rosa de Lima – SC. *Revista Pasos*, 9 (2), 449 – 458.

Daniel, A. C. M. (2010). Caracterização do Sector Turístico em Portugal. In: *Revista de Estudos Politécnicos*, 7 (14): 255-276. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/tek/n14/n14a16.pdf>. Acesso em 3 de fevereiro de 2019.

Denzin, N. K., Lincoln, Y. S. (org.) (2006). *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Artmed, Porto Alegre.

Denzin, N. K., Lincoln, Y. S. (org.) (2003). *The Landscape of Qualitative Research: theories and issues*. 2.ed. Sage Publications, Washington.

Ferrarini, A, V. (2012). Desenvolvimento local integrado e sustentável: uma metodologia para políticas e programas de superação da pobreza. In: *Interações*, 13 (02): 233-241.

Fernandes, S. P. F. (2013). *Mercado de Querença: ao encontro do marketing de experiências*. 88 f. Dissertação – Faculdade de Economia / Mestrado em Marketing – Universidade do Algarve, Faro.

Figueiredo, E., (2011). Um rural cheio de futuros? In: E. Figueiredo (Coord.). *O Rural Plural – Olhar o Presente, Imaginar o Futuro*. Castro Verde: 100 Luz.

Figueiredo, E. (2008). Imagine There's No Rural: The Transformation of Rural Spaces Into Places of Nature Conservation in Portugal. In: *European Urban and Regional Studies*, 15(2): 159-171.

Geertz, C. (2008). *A interpretação das culturas*. LTC: Rio de Janeiro.

Gonçalves, A. R. (2008). As comunidades criativas, o turismo e a cultura. *Dos Algarves – revista da ESGHT / UALG*, 17: 11-18.

Goulding, R., Horan, E. & Tozzi, L. (2014). The importance of sustainable tourism in reversing the trend in the economic downturn and population decline of rural communities. *PASOS- Revista de Turismo y Patrimonio Cultural*, 12 (3): 549-563.

Instituto Geográfico Português (2013). *Carta Administrativa Oficial de Portugal (CAOP), versão 2013*. Direção-Geral do Território: Alcoutim.

Kastenholz, E., Carneiro, M. J. & Marques, C. P. (2012). Marketing the rural tourism experience. In: Tsiotsou, R. e Goldsmith, R. E. (org.) *Strategic Marketing in Tourism Services*, pp. 247-264. Emerald Group Publishing. Bingley: UK.

Kastenholtz, E., Carneiro, M. J. & Marques, C.; Lima, J. (2011). *Understanding and Managing the Rural Tourism Experience – the case of a historical village in Portugal*. ATMC 2011: Maribor – Eslovênia.

Loureiro, C. F. B. (2007). Pesquisa-ação-participante e educação ambiental: uma abordagem dialética e emancipatória. In: Tozoni-Reis, M. F. C. (Org.). *A pesquisa-ação-participativa em educação ambiental: reflexões teóricas*. Annablume: São Paulo.

Max-Neef, M. (2005). Foundations of transdisciplinary. In: *Ecological Economics*. Valdivia, 12(53): 5-16.

Max-Neef, M. (2003). *Empoderamento de comunidades e desenvolvimento alternativo*. In: *Pedagogia Social*. São Paulo, 17(02):1-3.

Minayo, M. C. de Souza. (2007). *O desafio do conhecimento*. HUCITEC: São Paulo.

Onu (2015). *Transformando Nosso Mundo: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável*. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/pos2015/agenda2030/> . Acesso em: 03 de fevereiro de 2019.

Pestoff, V. (2011). Co-Production, New Public Governance and Third Sector Social Services in Europe. In: *Revista Ciências Sociais*, 47(01): 15-24.

Prochnow, A. G., Leite, J. L., Erdmann, A. L. (2005). Teoria interpretativa de Geertz e a gerência do cuidado visualizando a prática social do enfermeiro. *Revista Latino-am Enfermagem*, 13(04): 583 – 590.

Richards, G. & J. Wilson (2005). Developing creativity in tourist experiences: A solution to the serial reproduction of culture? *Tourism Management*, [online]. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com> . Acessado em 26 de novembro de 2018.

Silva, Y. F. e; Cunha-Lima, F. B.; Farias, I. S. (2018). Feiras de alimentos: espaço de memória e desenvolvimento local no Algarve. *Revista Turydes: Turismo y Desarrollo*, 11(25):1-18. Disponível em: <https://www.eumed.net/rev/turydes/25/feiras-alimentos.html> . Acesso em 30 de novembro de 2019.

Silva, Y. F. e., Cruz, H. S. A. B., Christoffoli, A. R., Cunha-Lima, F. B. & Conceição, A. C. S. (2015). A Tainha como Patrimônio Cultural e Experiência Turístico-Cultural em Bombinhas, Santa Catarina. *Rosa dos Ventos: turismo e hospitalidade*, 7(1): 34-53.

Teixeira, A. J. L. (2011). Tipologia socioeconômica das freguesias da Região do Algarve, 1991 – 2001. Dissertação de Mest., Economia Regional e Desenvolvimento. Faculdade de Economia, Univ. do Algarve: Faro.

Tripp, D. (2005). Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. In: *Educação e Pesquisa*, 31(3): 443-466. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a09v31n3.pdf>. Acesso em setembro de 2018.

Turismo 2020. (2014). *Turismo 2020 - Plano de Ação para o Desenvolvimento do Turismo em Portugal 2014-2020*. Disponível em: <https://turismodocentro.pt/wp-content/uploads/2017/03/Plano-de-Acao-Turismo-2020-Turismo-de-Portugal.pdf>. Acesso em 3 de fevereiro de 2019.

Unesco. (2013). *Dieta Mediterrânea: patrimônio imaterial da humanidade* (Itália, Espanha, Marrocos, Grécia, Chipre, Croácia e Portugal). Unesco (Carta da Dieta Mediterrânea): Paris.

Who (2015). *Transforming our world: the 2030 Agenda for Sustainable Development*. Disponível em: <https://sustainabledevelopment.un.org/post2015/transformingourworld/publication>. Acesso em 8 de fevereiro de 2019.